

As narrativas em *Nêmesis*, de Philip Roth

Caio Henrique Trentini Urbano

Universidade de São Paulo (Graduando de Relações Públicas), Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0009-0007-6601-3495

Resumo

Esta resenha trata das perspectivas narrativas no romance *Nêmesis*, do autor americano Philip Roth. A partir de dois olhares, o da narrativa territorial da Newark dos anos 1940, cidade natal do autor e local de ambientação do romance, e da interpretação do livro no contexto pós-pandemia, é traçada uma breve análise crítica da obra.

Palavras-chave

Nêmesis; Philip Roth; Pandemia; Narrativas; Resenha.

1 Resenha

Nêmesis é o mais recente livro do escritor norte-americano Philip Roth, autor de trinta romances. Publicada em 2010, e previamente anunciada como seu último trabalho, a obra apresenta uma síntese das temáticas abordadas pelo autor: a tragédia pessoal, a decadência, a impossibilidade de ação e, claro, a comunidade judaica americana. Assim como muitas de suas obras, *Nêmesis* se passa em Newark, cidade natal de Roth, no estado de Nova Jérsei. A relação do autor com a cidade em que nasceu e na qual passou a infância marcou profundamente toda a extensão de seus trabalhos. Como uma narrativa metonímica, a Newark de Roth abriga questões humanas universais, porém centralizadas em seu meio de criação: os imigrantes judeus norte-americanos na metade do século XX. A exemplo do sertão em Guimarães Rosa, os bairros judeus de Newark são o pano de fundo para histórias e reflexões universais.

Em *Nêmesis*, Roth fantasia uma epidemia de poliomielite na Newark no ano de 1944. A partir de uma pesquisa histórica rigorosa, o autor transforma suas vivências infantis no bairro de Weequahic em uma experiência literária de imaginação. A trama é simples: conta a história de um inspetor infantil, Bucky Cantor, um jovem de 23 anos, forte, vigoroso, atlético e determinado, que trabalha com as crianças judias do bairro em um pátio. Ídolo e companheiro das crianças, o personagem passa por esse período

adverso na cidade. O *páthos* de Cantor está justamente na tentativa de enfrentar a doença, tomando para si a responsabilidade de proteger as crianças. Carregando um sentimento de culpa pelas vítimas da poliomielite e por não ter lutado na Segunda Guerra Mundial por conta de um problema de visão, a personagem se afunda, gradativamente, em melancolia.

É interessante interpretar, em *Nêmesis*, assim como em outros livros de Roth, o uso de experiências pessoais na infância para a construção de suas histórias. Desde as relações da comunidade judaica estadunidense, no conjunto de contos do livro *Adeus, Columbos*, como a relação entre mãe e filho, em *O Complexo de Portnoy*, Roth se vale de suas vivências para escrever. A criação de seu *alter ego*, Nathan Zuckerman, que narra dezesseis de seus romances, demonstra que o escritor escreve sobre o que passou. Em *Zuckerman Acorrentado*, uma espécie de romance de formação do personagem-narrador, vários aspectos da vida pessoal de Roth são representados, como aponta a autora de *Roth Libertado*, Claudia Roth Pierpont (2015).

Nesse sentido, é pertinente analisar o papel narrativo da cidade de Newark, em que *Nêmesis* se passa: com um substrato real na formação do autor, o território em que Roth foi criado influencia diretamente em sua escrita. Tal influência, constatada na quantidade de detalhes que o escritor confere ao cenário, é representativa do papel da narrativa territorial em sua obra. Desde o urbanismo dos bairros na década de 1940 à relação entre as crianças que lá viviam, como os imigrantes judeus e italianos, Roth tece uma narrativa cuidadosa de sua cidade natal.

O autor resgata, como numa máquina do tempo da memória, a vida em Newark. Local de profundas transformações sociais, principalmente no ano de 1967 (ATKINSON; ROJAS, 2017), por conta de contradições raciais e reivindicações da população negra marginalizada, a cidade em que Roth cresceu não era a mesma em seus anos de escritor. A população da época de sua infância, principalmente imigrantes europeus, e a condição social e econômica de seus moradores, em sua maioria de classe média alta, foram alteradas com o passar do tempo. Mais um de seus romances, *Pastoral Americana* representa essa transformação pela qual Newark viveu na década de 60 e que leva seu personagem principal a se mudar para o campo devido à violência.

Ao resgatar o bairro de sua memória, e ao escrever sobre ele, Roth desenvolve uma representação verossímil, e até certo ponto histórica, da cidade. Do mesmo modo a partir do qual museus e arquivos de memória representam a história — e, conseqüentemente, a narrativa — de seus territórios, a arte também contribui para essa construção narrativa. Assim como na pintura, como é o caso do artista brasileiro Almeida Júnior, que representa o interior do estado de São Paulo no século XIX a partir da figura do caipira e da roça, o trabalho do escritor é fundamental para a construção das narrativas locais. É nesse sentido que a produção literária de Roth pode ser lida a partir do olhar da narrativa territorial.

Para além das narrativas territoriais, a obra adquiriu novo sentido após a pandemia da Covid-19. A possibilidade de uma epidemia de poliomielite nos anos 40 é um cenário aterrorizador, já que, à época, pouco se sabia sobre a doença, não havia tratamentos ou vacinas e a maior parte dos infectados, em sua grande maioria crianças, morria ou sofria de paralisia permanente. A necessidade de encarar um vírus desconhecido que aterroriza uma pequena comunidade, como no caso de Weequahic, e cujo alvo são primordialmente as crianças — numa pitada a mais de terror — cria a trama ideal para explorar as atitudes humanas em circunstâncias adversas.

Dez anos depois de sua publicação, no ano de 2020, o mundo passou por uma situação semelhante à imaginada por Roth. Desta vez em escala global, a pandemia de Covid-19 parou o mundo e alterou para sempre o cotidiano e o imaginário social. As conseqüências do confinamento e do medo da contaminação estão, até hoje, refletidos na sociedade. Do mesmo modo, o sentimento de impotência perante um inimigo desconhecido e, à primeira vista, imbatível, como no caso da poliomielite imaginada por Roth, alterou a forma como o ser humano observa a natureza, destronado de sua posição soberana e imbatível.

Nesse contexto, a leitura de *Nêmesis* adquire um novo caráter: o de representação de uma realidade concreta. Deixando de lado a criatividade do autor, é possível observar, na sociedade contemporânea, que vivenciou uma pandemia dessa magnitude, algumas atitudes, aflições e sentimentos retratados na obra de Roth. Apresenta-se de forma clara o ideal metonímico do autor ao incutir em uma pequena comunidade, circunscrita em um único bairro, as aflições humanas universais.

A própria trajetória decadente de Bucky Cantor, que se vê em meio a um combate que não pode vencer, em muito se aproxima da experiência individual de muitas pessoas durante a pandemia. A construção do caráter do personagem como vigoroso e destemido no início do livro conflita com sua impotência perante a doença. A tragédia pessoal de Cantor, que remete até mesmo às clássicas tragédias gregas, é uma expressão das dificuldades humanas. Entretanto, enquanto os gregos anunciavam o destino trágico de seus personagens no início de suas peças, a literatura contemporânea tende a sustentar o mistério pautado pelo enfrentamento do desconhecido para narrar suas histórias. A obra de Roth é representativa desse desafio contemporâneo, atual e real.

É possível considerar, nesse sentido, que *Nêmesis* também apresenta, além de sua narrativa sobre a Newark de Roth, uma narrativa comum à humanidade. Não são poucos os exemplos de obras clássicas que, a partir da definição de Ítalo Calvino (2007), nunca cessam de ter o que dizer. Seria pretensiosa a tentativa de enquadrar *Nêmesis* como um clássico contemporâneo, mas é inegável que a obra ganhou nova leitura e significado após a mais recente pandemia.

Referências

ATKINSON, Khorri; ROJAS, Rick. Five days of unrest that shaped, and haunted, Newark. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/11/nyregion/newark-riots-50-years.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIERPONT, Claudia Roth. **Roth libertado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

The Narratives in *Nemesis*, by Philip Roth

Abstract

This review deals with narrative perspectives in the novel *Nemesis*, by the American author Philip Roth. From two points of view: the territorial narrative of 1940's Newark, the author's hometown and the novel's setting, and the interpretation of the book in the post-pandemic context, a brief critical analysis of the work is outlined.

Keywords

Nemesis; Philip Roth; Pandemic; Narratives; Review.

URBANO, Caio H. T. As narrativas em *Nêmesis*, de Philip Roth. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023, p. 1-5.

Recebido em: 10/02/2023.

Aceito em: 20/02/2023.

